



Sesc

constelação

CELESTINA



WAGNER CELESTINO



CONSTELAÇÃO



CELESTINA

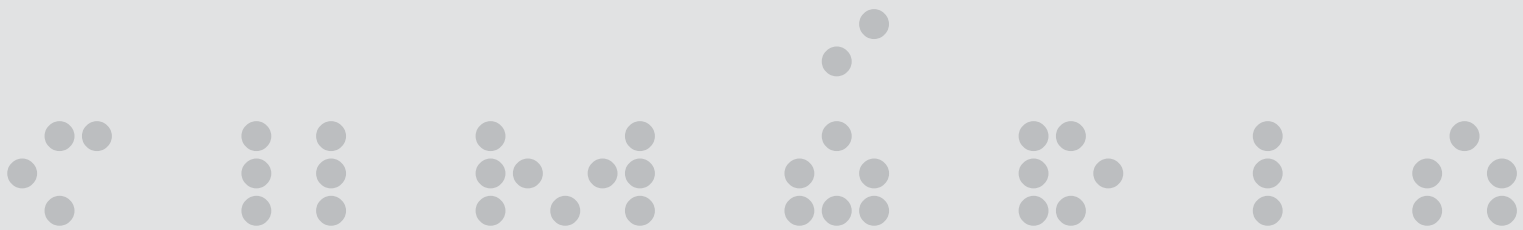


curadoria

CLAUDINEI ROBERTO DA SILVA

Sesc Itaquera

28 de junho a 12 de outubro de 2025





## **4 CONSTELAÇÕES DE RESISTÊNCIA**

Sesc São Paulo

## **6 CONSTELAÇÃO CELESTINA**

Fotografias de Wagner Celestino no Sesc Itaquera

Claudinei Roberto da Silva

## **10 QUESTÕES DA HISTÓRIA**

Wagner Celestino e Claudinei Roberto da Silva

## **16 VELHA GUARDA**

## **24 CARNAVAL**

## **32 RETRATOS**

## **40 RESIDÊNCIA BIXIGA**

## **48 UM GRANDE ENCONTRO**

## **54 UNIVERSO FOTOGRÁFICO DE WAGNER CELESTINO**

André Augusto de Oliveira Santos

# CONSTELAÇÕES DE RESISTÊNCIA

Sesc São Paulo



Manifestações culturais afrodiaspóricas constituem-se como lugares de resistência em que laços comunitários se fortalecem e se expandem. No contexto paulista, esses territórios de pertencimento incluem escolas de samba e inúmeras festividades tradicionais — espaços de criação e partilha que, há séculos, têm sido essenciais para a articulação de memórias e saberes ancestrais.

O fotógrafo Wagner Celestino, paulistano da Zona Leste, tem dedicado sua carreira a registrar, sob um viés implicado e singular, os rostos e movimentos que compõem celebrações da negritude em suas múltiplas formas. A iniciativa deu origem a uma série de retratos de artistas que, entre a Bela Vista, o Cambuci, Itaquera, entre outros territórios, compõem as feições do gênero musical afro-brasileiro. Para além dessa série, seu trabalho se dedica a outras referências que, assim como o samba, derivam de raízes africanas, contemplando as Festas de São Benedito e as manifestações em torno do Carnaval.

Reunindo essas produções, a exposição **Constelação Celestina**, que estreou no contexto da inauguração do Sesc 14 Bis em 2023, circula, agora, para o Sesc Itaquera. A mostra inclui uma imersão educativa que pretende articular memória, arte e questões sociais. Com esta realização, o Sesc reafirma seu papel como instituição sociocultural dedicada aos inúmeros processos de educação relacionados ao campo artístico. Entre eles, destacam-se as referências simbólicas que, no conjunto, formam constelações de pertencimento.



# constelação celestina

Fotografias de Wagner Celestino no Sesc Itaquera

Claudinei Roberto da Silva



Negro, proletário e periférico, o fotógrafo Wagner Celestino, nascido em 1952, na zona leste da capital de São Paulo, tem sua trajetória celebrada no Sesc Itaquera através da exposição “Constelação Celestina”. Uma importante parcela da produção fotográfica desse veterano artista tem sido fundamental à preservação e à valorização da memória, da cultura e da história de parte da população brasileira, notadamente daquela que vive em território paulista, em áreas urbanas ou não. Essa fração da população, maioria minorada, composta especialmente por pessoas negras, proletárias, periféricas ou camponesas, enfrentou séculos da opressão que procurou suprimir dela seus direitos básicos, implementando ainda sua exclusão social.

O fotógrafo e aqueles que ele retrata pertencem a um mesmo universo, um mundo de beleza, ancestralidade e resiliente dignidade; um mundo que perdura obstinadamente através da sua cultura, da sua arte, e do seu trabalho e que, por meio de realizações de artistas como Wagner Celestino e de ações, como essa que o Sesc promove na sua unidade de Itaquera, emerge do silêncio que lhe foi imposto com a força e a potência de um acontecimento histórico.

Alguém delicadamente observou que, não raramente, as imagens produzidas pelo artista, delatam uma nota de melancolia e, de fato, sua obra, procurando trazer à tona a realidade daqueles e daquelas contemplados pelo seu interesse de fotógrafo, não subtrai deles e delas a sua complexa subjetividade, a densidade da sua humanidade.

O compositor carioca Paulinho da Viola, influência confessa do fotógrafo, notadamente em seu clássico álbum “Dança da Solidão” de 1972, denota essa sensibilidade agri-doce que, igualmente, pode ser verificada nas obras do escritor Lima Barreto (1881-1922), que como Celestino, foi um compassivo cronista da vida dos periféricos, dos suburbanos, e também daqueles que no centro das grandes capitais contribuem, subterrânea e invisivelmente, para a prosperidade desses mesmos centros.

É o caso, por exemplo, dos moradores dos cortiços que, nos anos 90 do século passado, Celestino fotografou para o livro de 1998, “Cortiços - Uma realidade que ninguém vê”, aliás, prefaciado pelo então arcebispo metropolitano de São Paulo, o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns.



Pesquisador da cultura popular nas suas matrizes sagradas e profanas, tal como Barreto, Celestino se ocupa daqueles e daquelas cuja história, memória e afetos são, frequentemente, preteridos nas narrativas da história da arte que se quer hegemônica.

A memória é um território em disputa e o esquecimento diz muito sobre quem esquece e sobre quem é esquecido. Observamos que a memória dos grupos historicamente excluídos e tornados minoritários, é relegada ao apagamento, para grande prejuízo de toda a sociedade, não apenas do grupo afetado por esse epistemicídio, isto se dá porque a exclusão impede a sedimentação das ideias em torno da democracia, que, na nossa sociedade, não pode prescindir da noção de diversidade, de pluralismo de raça, de gênero e de classe.

Se quisermos, a história daqueles que construíram as cidades gerando riqueza a partir do labor realizado enquanto escravizados ou enquanto trabalhadores livres, coincide, por exemplo, com a história do samba, das manifestações simbólicas de extração “erudita-popular”, das danças dramáticas, que traduzem e reforçam a subjetividade desse grupo. Portanto, os registros fotográficos que Celestino prospectou junto a “Velha Guarda” do Samba de São Paulo, são documentos extraordinários não apenas pela beleza inerente a eles, mas também pelo quanto são capazes de trazer à tona aspectos importantes de um cotidiano pleno de vigor e profundidade espiritual.

Privilegiando o preto e branco, tanto nos retratos, quanto nas paisagens, suas fotografias denunciam o afeto e a solidariedade que o artista sente por seus modelos, suas madonas negras são arquétipos de dignidade inflexível, dignidade e da grandeza humana que, por exemplo, o pintor lituano Lasar Segall (1889-1957) também soube perceber quando as retratou em pinturas antológicas.

Aliás, foi nos ateliês do Museu Lasar Segall, em São Paulo, que Wagner Celestino iniciou sua formação técnica. Quem sabe o fotógrafo não cooptou do pintor uma porção da noção de composição dramática tão própria do expressionismo e de Segall.

Se a obra de Celestino contém essa nota de melancolia, ela o faz porque os sujeitos do interesse do fotógrafo são, eles próprios, complexos em seus contextos, como também é complexa na sua riqueza e diversidade, a cultura e a arte que chamamos, “popular”. Daí talvez caiba a menção de um célebre samba “Volta por cima” de Márcia Freire e Noite Ilustrada que de modo vibrante metaforicamente salienta em sua letra a resiliência e a vontade de viver e vencer as vicissitudes não apenas amorosas “(...) *Chorei, não procurei esconder, todos viram / fingiram pena de mim, não precisava / ali onde eu chorei, qualquer um chorava, dar a volta por cima que eu dei, quero ver quem dava*”.

# QUESTÕES DA HISTÓRIA

Wagner Celestino e Claudinei Roberto da Silva

**“A cultura, continuamente construída transformada e cultivada, deve considerar o imaginário, a criação estética e a reflexão como bens essenciais à sua formação. Ao mesmo tempo, a memória também se constitui pela interação de aspectos sociais e afetivos.”**

**Danilo Santos de Miranda** em *Memória e Cultura – a importância da memória na formação cultural humana*. Edições Sesc São Paulo, 2007.

Wagner Celestino, poeta e documentarista das lentes, tem a rara oportunidade de mostrar seu trabalho numa retrospectiva. A mostra cobre mais de 40 anos de trabalho. Nesse período, o fotógrafo paulistano que, entre outras atividades, já contribuiu com seu trabalho nas redações de grandes veículos da imprensa escrita, registrou de maneira competente e afetiva o cotidiano do povo, sobretudo o periférico e o preto, nas manifestações cotidianas e na sua cultura, e o fez consciente da importância desse legado fotográfico, que está intelectual e afetivamente comprometido com a memória do povo que sua fotografia abraça e apresenta.

**CLAUDINEI** **Você é fotógrafo que não tem formação acadêmica. Como foram seus percursos até o amadurecimento da sua técnica? Na fotografia, quais foram suas escolas e maiores influências?**

**WAGNER** Realmente, não tenho formação acadêmica. Sou autodidata, fotógrafo intuitivamente, mas com os cuidados técnicos necessários. Minha escola é a fotografia analógica. Desde a escolha do filme adequado, normalmente o preto e branco, o cuidado na revelação e na ampliação das imagens. O plantão fotográfico do Museu Lasar Segall e sua biblioteca foram fundamentais nesse processo, na segunda metade da década de 1970.

O fotógrafo Walter Firmo foi (e ainda é) uma influência e referência importantíssima nesta minha iniciação fotográfica. Cito, também, o grupo de fotojornalistas do *Jornal da Tarde*, a revista *Realidade*. O cinema tem a sua importância fundamental nesta formação fotográfica, ainda em andamento. Acrescento hoje a pintura.

Alguns fotógrafos estrangeiros têm a sua importância. Cito Cartier-Bresson e, principalmente, o afro-americano Gordon Parks e os seus registros únicos do negro estadunidense. Soma-se a tudo isso muita observação, constante.

**CLAUDINEI** **Nos anos 1970 e 1980 o movimento negro teve um protagonismo grande na cultura da cidade de São Paulo. Que lembranças você tem desse período? Que influências esse movimento exerceu sobre o seu trabalho?**

**WAGNER** Minha militância fotográfica coincide com esse período de conscientização política e cultural, fruto do momento político que vivíamos no país e que resultou em debates e manifestações contra o racismo. O meu objetivo principal com a fotografia sempre foi de criar um contraponto em relação aos estereótipos impostos em relação à imagem do negro brasileiro. Principalmente na mídia da época e que se perpetua nos dias atuais, com raras exceções. A compreensão e a assimilação deste período são importantíssimos e fundamentais no início da minha trajetória na fotografia.

Atrás do visor da câmera existe uma pessoa com sua formação intelectual própria, com seus conhecimentos e posicionamentos ideológicos e culturais. Consequentemente esses ideais se refletem no fazer e nas ações fotográficas.

**CLAUDINEI** **Parte importante do seu trabalho é dedicado à memória e à história do Carnaval e do samba em São Paulo. Como surgiu o interesse sobre esse universo?**

**WAGNER** Sou da zona Leste paulistana, Vila Matilde, vizinha da Vila Esperança e o seu concorrido e famosíssimo Carnaval. Este período cobre dos meus sete anos de idade até os dezesseis.

O auge do Carnaval da Vila Esperança eram os desfiles da Nenê de Vila Matilde, aguardados por todos, todos os anos. Em 1968, foram mais de trinta mil espectadores concentrados nas ruas próximas à estação da Vila Matilde da Central do Brasil, segundo os jornais da época. Nasce daí a minha atenção às Escolas de Samba, especificamente a Nenem (como diria o Seo Nenê).

Depois de 1968, os desfiles foram concentrados no Vale do Anhangabaú e na Avenida São João. Nessa fase do nosso Carnaval, conheci outras Escolas: Vai-Vai, Camisa Verde, Mocidade Alegre, Rosas de Ouro, Unidos do Peruche e outras agremiações.



Aos poucos, criei grande interesse e especial atenção às alas das Bahianas e Velha Guarda, ambos esquecidos ou relegados a um segundo plano nas transmissões televisivas nos dias atuais. É a memória e a tradição do nosso Carnaval de rua subjugado e relegado ao esquecimento. É a indiferença e o desprezo com a história raiz desta importantíssima manifestação cultural da nossa cidade, do nosso preto – excetuando-se o período que a compositora e cantora Leci Brandão comentava com conhecimento, respeito e dignidade os desfiles das nossas Escolas de Samba.

Meu interesse sobre este universo vem da somatória de todos esses aspectos. De menino suburbano, comemorando o Carnaval com talco na cabeça, aos registros fotográficos iniciados no final dos anos de 1970 na Avenida Tiradentes.

**CLAUDINEI** **Hoje em dia a juventude, sobretudo a mais pobre, não armazena as fotos que faz e, por isso, corremos o risco da perda de uma parte importante parte da nossa memória. Como você enxerga esse panorama?**

**WAGNER** A fotografia é um veículo importante no registro de um determinado momento na história de um povo, de um país. Com o surgimento da fotografia digital, esse descarte de imagens tornou-se, infelizmente, coisa corriqueira, estranhamente natural. No período da fotografia analógica, esse comportamento já era percebido. Inconscientemente, as pessoas descartavam todo e qualquer negativo ou slide. São imagens e momentos sendo inutilizados, é a memória coletiva e individual sendo descartada, desprezada.

**CLAUDINEI** **Você frequentemente fotografa crianças e suas mães, geralmente negras e proletárias. Sabemos da importância das mães e avós na organização das comunidades negras e ancestrais. Você considera essa realidade quando realiza essas fotografias?**

**WAGNER** Essa realidade é espontânea, natural, é a lembrança e a memória da minha mãe, das minhas tias e de todas as mulheres negras com quem convivi na minha infância e idade adulta. Uma reverência à maternidade e às nossas crianças, até pouco tempo taxadas de trombadinhas. Este é o meu compromisso com a fotografia, repito: quebrar os estereótipos perversamente impostos e dar a merecida visibilidade às nossas mulheres e crianças pretas.

Quando fotografei para o livro *Cortiços*, percebi a importância das mulheres na manutenção e na preservação das suas famílias em situações precárias de moradia, sozinhas e em busca por uma moradia e vida digna. Mulheres atuantes.

Esses e outros aspectos da nossa sociedade civil alicerçam a minha militância afrodescendente, manifesta por meio da linguagem fotográfica.

**CLAUDINEI** **Nas suas fotografias, você revela um especial interesse pela história e arte dos afro-brasileiros. Você reconhece sua contribuição na compreensão da história desse grupo e na atual luta antirracista?**

**WAGNER** Espero que o meu trabalho fotográfico possa contribuir concreta e positivamente nesta luta constante contra o racismo e para ressaltar a relevância da nossa cultura popular afro-brasileira, considerada por muitos reacionários como uma cultura pequena e marginal. Quero deixar o meu legado de resistência a essas deformações “intelectualizadas” e racistas.

O trabalho e a minha devida atenção são constantes, os obstáculos preconceituosos caminham ao lado e sorrateiramente. Em vários momentos, sem disfarces.

**CLAUDINEI** **Gosto de pensar seu trabalho em paralelo com o do escritor de Lima Barreto (1888-1922). Como ele, você escreveu uma crônica da vida dos periféricos. E, assim como ele, você lançou um olhar muito solidário para essas pessoas. Você se interessa por esse autor?**

**WAGNER** É um privilégio ter o meu trabalho comparado ao de Lima Barreto, guardadas as devidas proporções. Meu escritor maior da nossa literatura, lúcido e contemporâneo.

Como disse anteriormente, sou um fotógrafo suburbano e convivi, direta ou indiretamente, com as pessoas que fotografei e fotografarei. Sem o olhar estrangeiro e superficial. É o olhar de um menino de vila, estudante de escola pública, onde o Carnaval e as festas juninas tinham o seu valor e significados inesquecíveis. Um dos muitos passageiros da Central do Brasil com uma câmera no peito. Fotografo primeiramente a minha aldeia e, quem sabe amanhã, o mundo, parafraseando Tolstói.

**CLAUDINEI** Atualmente, em nosso país, nós assistimos uma inédita valorização das manifestações artísticas dos negros e negras. Como você enxerga esse momento e o que espera do futuro?

**WAGNER** São ações positivas, do Sesc e outras instituições de cultura, de ensino e todas as que produzem e incentivam o conhecimento. Nossa contribuição preta cultural e intelectual é parte fundamental na formação desse país chamado Brasil, fazemos parte disso tudo. É um momento de autoafirmação, de solidificar e estruturar a nossa presença na formação da nação e do autoconhecimento étnico.


Aos preconceituosos e racistas, o nosso desprezo e desconsideração. Os cães ladram e a caravana preta... passa.



## VELHA GUARDA

As fotografias realizadas por **Wagner Celestino**, desde a década de 1970, revestem-se de importância pela intrínseca e inerente qualidade, pelo valor documental inestimável e grande densidade poética, aplicados à tarefa que o artista se propôs realizar: a perenização da história, através da fotografia, de alguns luminares da cultura popular brasileira de matriz africana. A essa realização ele incorpora o registro, realizado entre 2003 e 2008, dos remanescentes de uma antiga linhagem do samba em São Paulo, a chamada Velha Guarda do Samba.

São 29 retratados, entre fundadores de agremiações carnavalescas, compositores e produtores culturais. Personagens vitais para as comunidades que em torno deles se organizam e cuja contribuição e importância para nossa cultura ainda não foi corretamente mensurada. O raro material prospectado pelo artista permanecia até então parcialmente inédito.





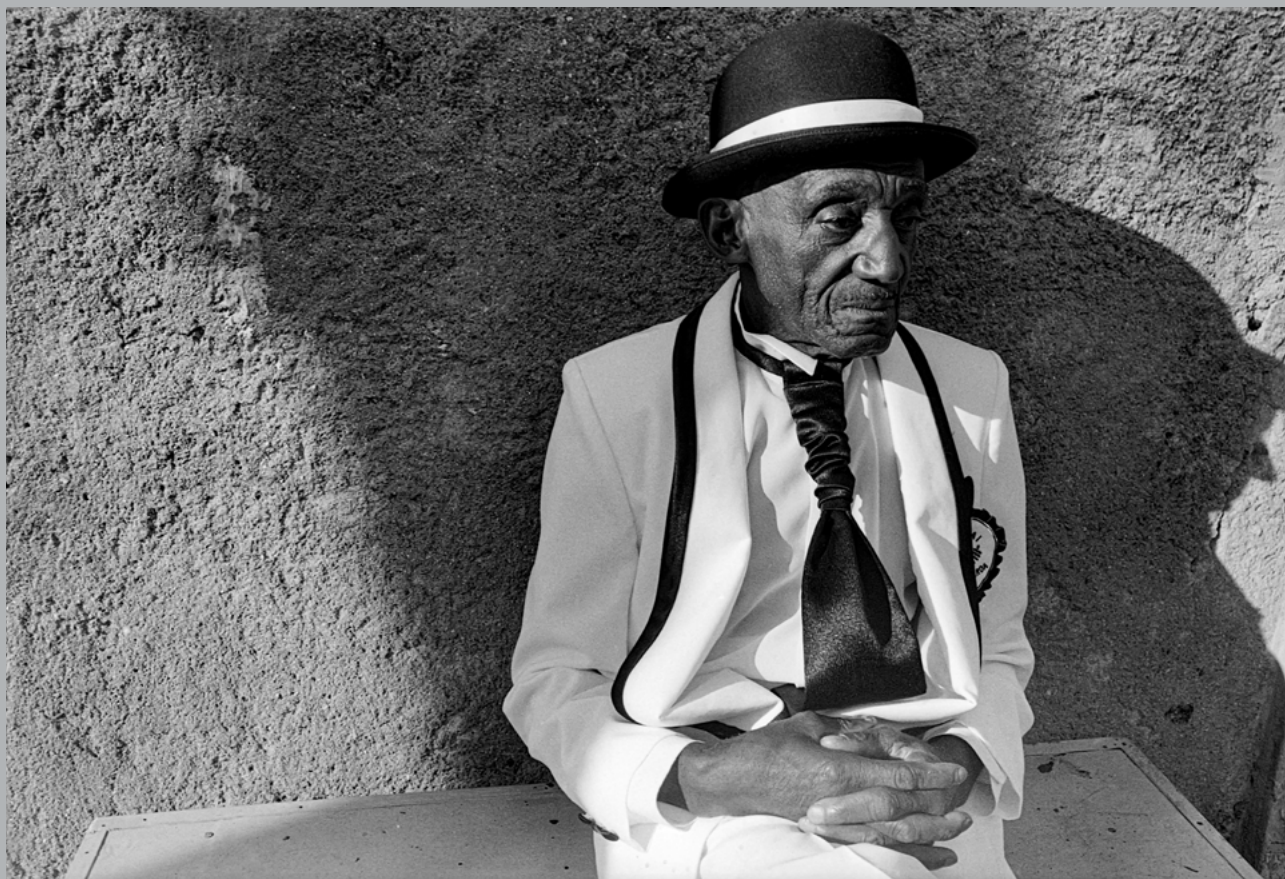
Dona Olímpia, Vai-Vai, 2003







Dona Danga, Nenê da Vila Matilde, 2003



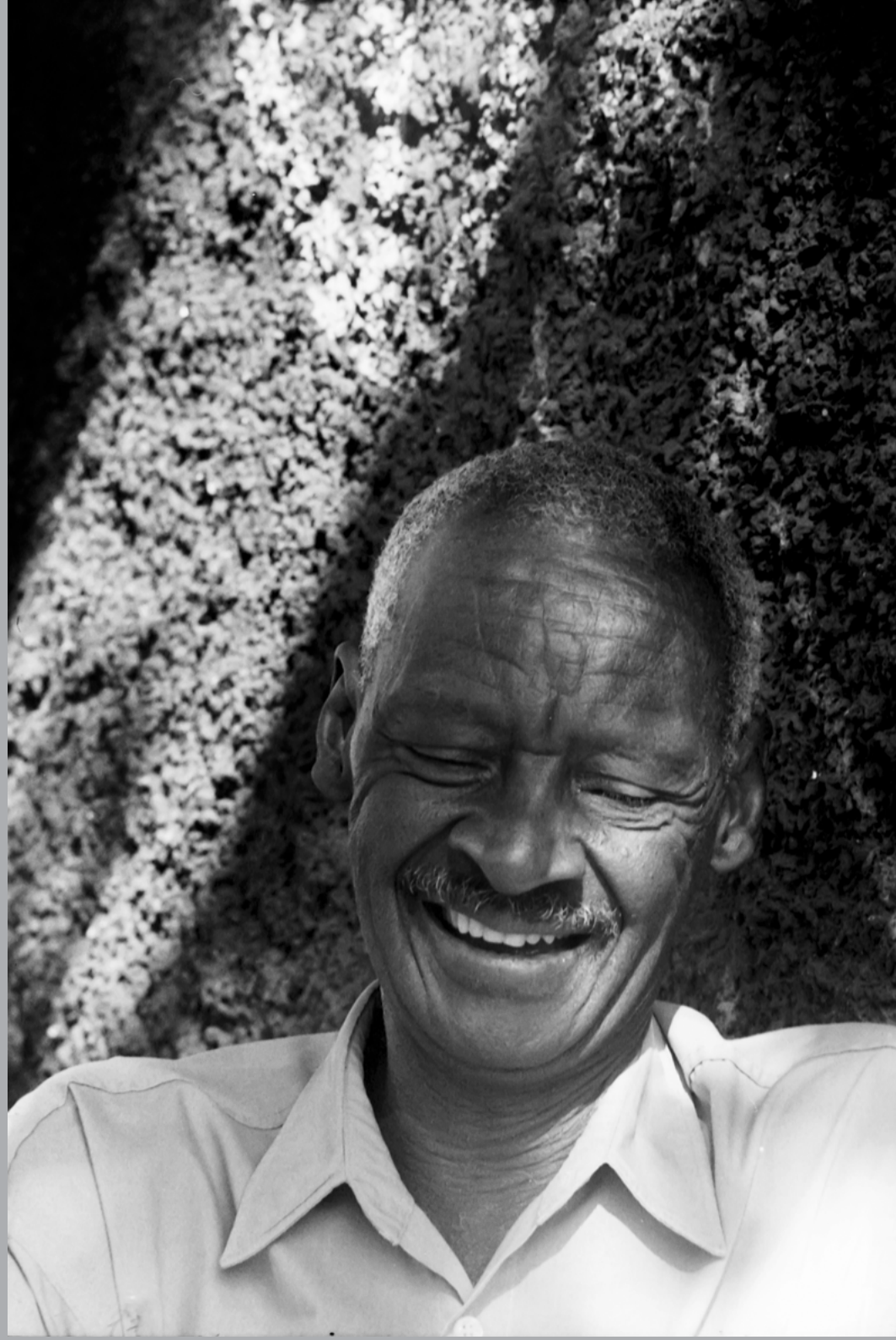




Seu Nenê, Nenê de Vila Matilde, 2004





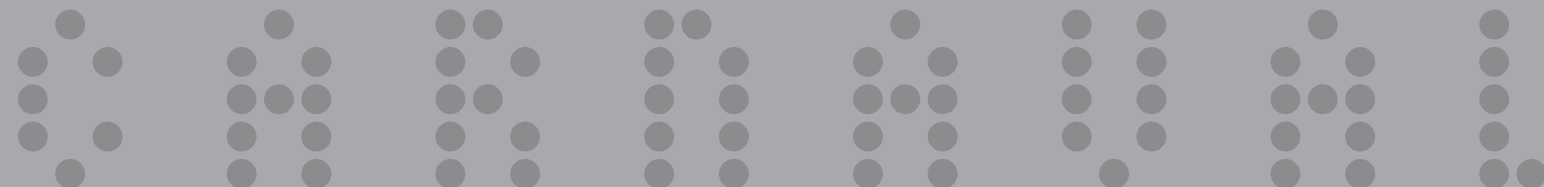


Carlão do Peruche, Unidos do Peruche, tendo passado por diversas agremiações , 2003



## CARNAVAL

A arte que convencionamos chamar de “popular” traduz uma sensibilidade complexa e uma inteligência profunda. É falsa a dicotomia que opõe, em arte, o “erudito” ao “popular”, já que tanto uma manifestação como outra são resultado de conhecimento prospectado na experimentação e no trabalho presentes na origem de qualquer produção cultural. Assim, o Carnaval fotografado por Celestino é uma manifestação que se concretiza a partir uma rede complexa de relações, uma rede que tem o condão de mobilizar comunidades inteiras, gerando, inclusive, uma economia nada desprezível. Essa festa secular, como outras de caráter religioso, é igualmente produtora e depositária de conhecimento. Elas agregam e organizam memórias e histórias, promovem e igualmente resgatam valores ancestrais que, de outra forma, estariam esquecidos.

























## RETRATOS

A presença simbólica ou não do corpo negro nos espaços expositivos das grandes instituições culturais tem sido restrita, muitas vezes interdita pelo racismo estrutural que há séculos nos infelicitiza. Decorre daí um déficit de representação que denuncia certas opções, mas a emergência organizada dos sujeitos oprimidos atinge a sensibilidade de instituições dispostas a enfrentar essas mazelas. **Constelação Celestina** inclui-se no rol dos esforços que pretendem mitigar essa situação. E o faz também a partir do conjunto dos retratos que foram realizados ao longo de muitos anos. A complexa gravidade da condição dos fotografados não é atenuada por qualquer artifício cosmético; pelo contrário, o preto e branco das imagens revela a profunda subjetividade dos retratados. São olhares compassivos, corajosos, sábios e desejantes, iluminados por uma luz que não é mediterrânea ou tropical, mas antes, intimista e evocativa.





















## RESIDÊNCIA BIXIGA

A riqueza e a diversidade do Bixiga, com seus personagens e instituições, também mereceram a atenção do fotógrafo. São essas as mais recentes realizações de Celestino. Fica claro, a partir dessa amostra, que o tempo de permanência do fotógrafo no território não foi suficiente para subtrair dele toda a sua riqueza, já que esse local é um microcosmo das múltiplas diásporas que ali encontraram os meios para sedimentar suas artes, seus sotaques e dicções, suas culinárias, suas religiosidades, enfim, suas culturas. A partir dessa constatação, percebe-se que à **Constelação Celestina** ainda serão acrescentadas muitas estrelas.





















# UM GRANDE ENCONTRO

Claudinei Roberto da Silva



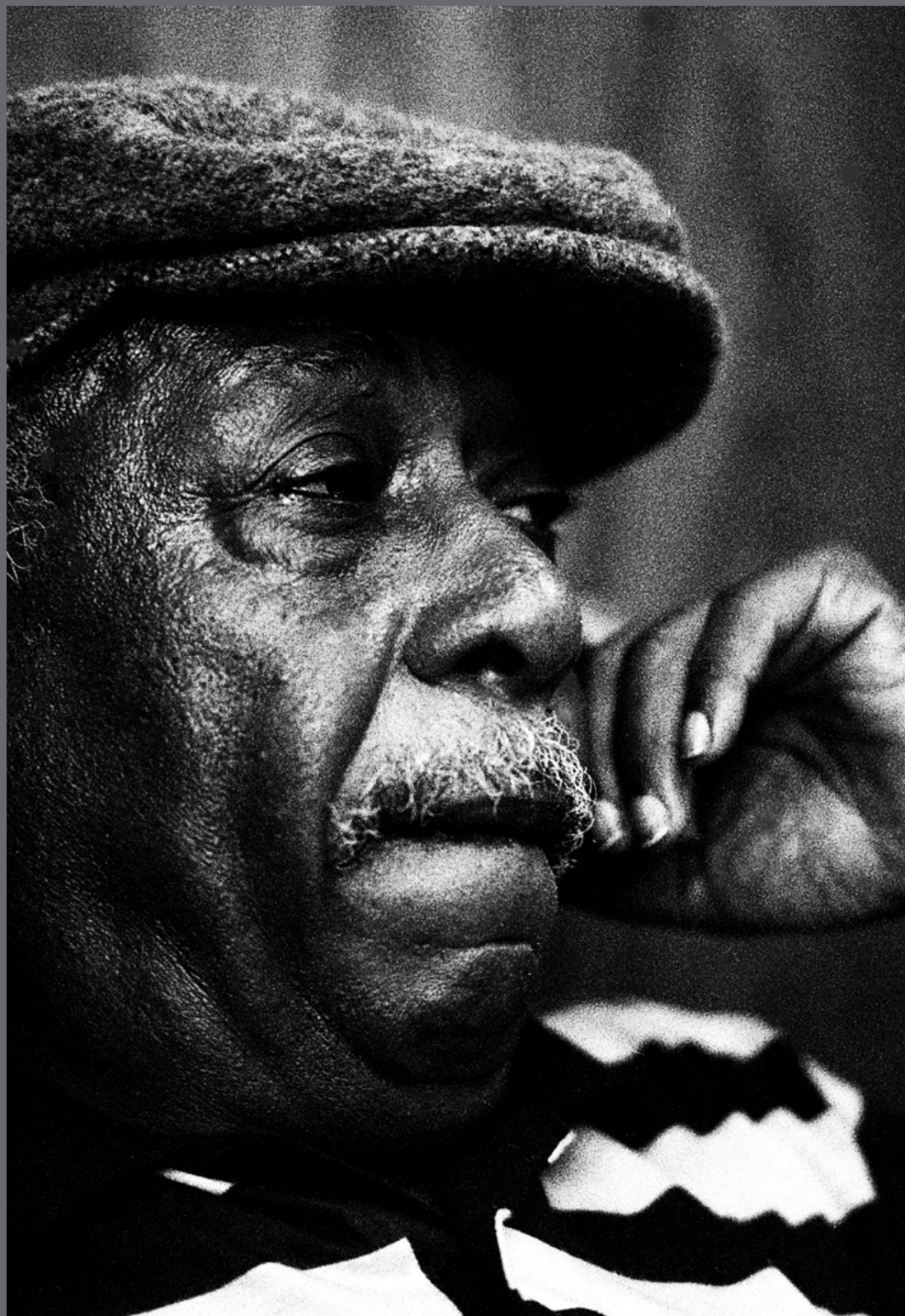
A Zona Leste de São Paulo é a região mais populosa da cidade. Acolhendo várias diásporas, neste território vasto e densamente povoado, observamos, claramente, os desafios sociais que, ao longo do tempo, vêm exigindo esforços tanto do poder público quanto da população ali organizada. As formas de organização popular e comunitária são potentes e diversas, como são, por exemplo, os inúmeros clubes de futebol de várzea que, inclusive, abraçam pautas antirracistas e inclusivas, além das históricas e tradicionais agremiações de samba, cujos fundadores, aliás, foram fotografados por Wagner Celestino, e também as igualmente importantes instituições religiosas de várias matrizes e confissões que desempenham um papel fundamental na comunidade.

Também há excelência na produção artística local, nem sempre reconhecida fora desses territórios.

Inaugurada em 29 de outubro de 1992, a unidade do Sesc Itaquera é um dos maiores centros de lazer de São Paulo. Ela tem um papel importante junto à comunidade local e, não menos importante, como espaço de preservação da mata nativa. O público comparece aos milhares para desfrutar das diversas atividades oferecidas. Em 1995, aconteceu um encontro memorável entre a grande dama do samba Dona Ivone Lara (1921–2018) e a “voz do morro” Zé Ketí (1921–1999), dois ícones incontestáveis da cultura nacional. Celestino esteve presente nesse momento e eternizou “o sorriso negro” realizando as fotografias, que agora, de forma inédita, podem ser apreciadas nesta exposição.







Zé Ketí, participação em show de D. Ivone Lara. Sesc Itaquera, 1995







# O UNIVERSO FOTOGRÁFICO DE WAGNER CELESTINO

André Augusto de Oliveira Santos

A fotografia é frequentemente conceituada como um “fragmento da realidade”.<sup>1</sup> Sem discordar da definição, é interessante perceber como **Wagner Celestino** consegue produzir fragmentos que são, figurativamente falando, verdadeiros universos. É de tal capacidade que trata o título da exposição: **Constelação Celestina**. Propondo diálogos com as ideias presentes na curadoria e com o enredo dessa fortuita confluência de artifícios, a proposta deste ensaio é destacar alguns dos “fragmentos da realidade” clicados por Wagner Celestino e selecionados por Claudinei Roberto, relacioná-los ao Bixiga e à trajetória do próprio fotógrafo, apresentando um pouco do universo de cada imagem. Assim, vamos perceber como a história de vida do Celestino e a história do bairro se entrelaçam na sua gente, no preto e branco, na militância e no samba.

Nascido em 1952 na Vila Eutália, região da Vila Matilde, zona Leste da cidade de São Paulo, **Wagner Celestino** possui mais de quarenta anos de trajetória como fotógrafo. Ao longo desse tempo, vem retratando, com raro talento e sensibilidade, pessoas e tradições que caracterizam a sua cidade natal. Seus retratos conseguem capturar o que há de mais singular e ao mesmo tempo universal na experiência humana, como nas fotografias que retratam os familiares Camilo Celestino e Francisco Arruda, pai e tio do fotógrafo, respectivamente, e Bia, filha caçula de Wagner. A imagem com os dois homens foi clicada em 1991, enquanto a fotografia da jovem data de 2016. Apesar da distância de mais de vinte anos entre os retratos, ambos apresentam uma das marcas do trabalho de Celestino, a cisão abrupta entre luz e sombra que corta as imagens, deixando uma parte do rosto de Bia no breu, assim como a silhueta do tio.

<sup>1</sup> “Toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente”. Boris Kossoy; *Fotografia e história*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020, p.49.

Trabalhando sempre em preto e branco e preferencialmente sob luz natural, Celestino se mostra um fotógrafo capaz de encontrar soluções entre luz e sombra até mesmo nas situações mais desafiadoras. Em busca de equilíbrios, nem sempre expressos em simetria, o fotógrafo não demonstra receio em explorar os contrastes e utilizar o escuro. Ao contrário, incorpora esses elementos como estilo. Os contornos de rosto também costumam ser utilizadas por Celestino para trabalhar situações supostamente adversas de sombra e luz.<sup>2</sup> A *Constelação Retratos* apresenta alguns exemplos de imagens em que Wagner fotografou contra a luz e destacou o segundo plano, produzindo silhuetas dos seus retratados.

Em agosto de 2023, Celestino realizou uma residência artística de quinze dias no bairro do Bixiga, trabalhando especialmente para a exposição *Constelação Celestina*. Tivemos a honra de acompanhá-lo nas andanças pelo bairro, na companhia preciosa do produtor local Guinho Mks, mestre da Bateria 013, nascido na Rua Rocha e residente na Rua Maria José. Cria da região, Guinho é um verdadeiro líder comunitário, figura respeitada no Bixiga, profundo conhecedor da história, da música e da dinâmica do bairro. Sem falar do papel que desempenha como pai da pequena Catarina, uma menina inteligente, doce e alegre, que esteve conosco por algumas horas. Foi Guinho quem apresentou Celestino aos moradores e trabalhadores do Bixiga retratados na *Constelação Residência Bixiga*.

Ao longo da residência, foi possível acompanhar de perto a ação de Celestino como fotógrafo, além de conhecer um pouco mais a figura humana por trás das lentes. Quando ocupa o lugar de artista, Celestino é ágil. Como costuma dizer, sua mente está fotografando a todo instante, o que talvez explique porque ele não titubeia. Quando o retratado está pronto para a foto, são poucos minutos até o clique final. Na hora de bater um bom papo, no entanto, a situação se inverte e Celestino se demora, sem pressa. Gosta de conversar sobre assuntos diversos, em especial história, cultura afro-brasileira, futebol, música e, é claro, fotografia. Foram longos e agradáveis os papos que tivemos, eu, ele e Guinho, nas andanças pelo Bixiga. Ao longo da residência, Celestino mostrou-se atento ao que se passa ao seu redor e a quem o acompanha. Falou

<sup>2</sup> Ver Pierre-Jean Amar, *História da fotografia*. Lisboa (Portugal): Edições 70, 2018, pp. 11-12.

muito dos amigos e da importância deles para sua trajetória como fotógrafo e para sua formação como homem negro do subúrbio paulistano. Também falou, com orgulho e admiração, dos pais, irmãos, filhos e das suas ex-companheiras.

Um dos momentos mais expressivos e marcantes das andanças pelo Bixiga aconteceu quando Wagner fotografou três senhoras integrantes da Pastoral Afro da Igreja de Nossa Senhora da Achiropita. A Igreja, localizada na Rua 13 de Maio, foi fundada por imigrantes italianos em 1926 e apesar da acentuada presença de afrodescendentes no bairro, só passou a aceitar seminaristas negros na década de 1940.<sup>3</sup> Toninho foi um dos jovens negros a aderir à congregação no final dos anos 1960. Ordenado padre em 1976, no final dos anos 1980 foi nomeado pároco da igreja, quando tomou a iniciativa de fundar a Pastoral Afro.<sup>4</sup> Desde então, Padre Toninho se tornou uma referência para a comunidade e a Achiropita um marco para a questão racial dentro da Igreja Católica no Brasil, oferecendo cursos e atividades em relação com o bairro e suas culturas. No interior da paróquia, as celebrações passaram a adquirir características próprias, como os Batizados Afro, os Casamentos Afro e as Celebrações da Semana da Consciência Negra, em novembro, e da Missa da Mãe Negra, em maio.<sup>5</sup> As celebrações incluem a presença de lideranças de terreiros de Candomblé e Umbanda, além de instrumentos musicais como atabaque e berimbau.<sup>6</sup>

Essas e outras histórias sobre a Achiropita nos foram transmitidas pelas três integrantes da Pastoral, em visita realizada ao pequeno museu da instituição, após produzidos os retratos. Ao final da visita, no momento da despedida, Dona Eloá Maria, sobrinha do famoso sambista Henricão e uma das retratadas, demonstrou profunda gratidão e carinho por Wagner, que escutara atento a tudo. Após receber o abraço maternal de Eloá, bastante comovido, o fotógrafo expressou: “A senhora lembra muito as minhas tias”.

**3** Márcio Sampaio de Castro; *Bexiga: um bairro afro-italiano*. São Paulo: Annablume, 2008, p.87.

**4** Toninho foi o primeiro padre negro da Paróquia. Até então, a instituição só havia recebido padres italianos. *Ibidem*, p.87.

**5** *Ibidem*, p.88.

**6** *Ibidem*, p.88.



Ao retratar as integrantes da Pastoral Afro, Wagner demonstrou novamente apreço pelos perfis. Para destacar os contornos do rosto de Dona Maria Cândida, capturou-a lateralmente e fez opção por uma fotometragem clássica, que resultou em contrastes sutis entre o primeiro e o segundo plano. Tendo de lidar com a iluminação turva da igreja, os retratos de Dona Eloá Maria e Dona Maria Eunice provocam a atenção do observador, ao deixar uma parte dos rostos nas sombras, tornando necessário um olhar apurado para perceber os detalhes da imagem.

Aprofundada ao longo da residência artística, a relação entre o matildense Wagner Celestino e o bairro do Bixiga começou na década de 1970, quando ele atuou no *Jornegro*, periódico ligado ao movimento negro que possuía sede no bairro, mais precisamente na Rua Maria José. Após aderir à militância, no final dos anos 1970, Celestino passou a circular com mais frequência pela região, visitando inúmeras vezes os ensaios do Vai-Vai, na época, como ainda hoje, um tradicional ponto de encontro da juventude negra paulistana.

O contexto que resultou na primeira aproximação do fotógrafo ao bairro reflete a íntima associação entre o Bixiga e as comunidades afrodescendentes da cidade de São Paulo. Desde pelo menos o século XVIII, o território era ocupado por africanos e seus descendentes.<sup>6</sup> A começar pelo antigo Quilombo Saracura, localizado nas margens do riacho que nomeou o vale (atual Avenida 9 de Julho), região repleta de capoeiras, aonde iam se esconder escravizados fugitivos. No final do século XIX, a área foi loteada e nomeada oficialmente como Bela Vista, contando com a chegada maciça de imigrantes italianos da região da Calábria.<sup>7</sup> Mesmo assim, o bairro manteve-se associado aos africanos e seus descendentes. Nas primeiras décadas do século XX, passou a abrigar órgãos da imprensa negra paulistana e se manteve como residência de figuras históricas do movimento negro.<sup>8</sup> Em 1930, o bairro viu e ouviu nascer à beira do Saracura uma das principais instituições culturais representativas desta comunidade, o Cordão Carnavalesco Vai-Vai.

<sup>6</sup> Márcio Sampaio de Castro, *Bexiga: um bairro afro-italiano*. São Paulo: Annablume, 2008, p.57.

<sup>7</sup> Júlio Moreno, *Memórias de Armandinho do Bixiga*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1996.

<sup>8</sup> O jornalista e intelectual Jayme de Aguiar morava na Rua Rui Barbosa quando, em 1924, fundou o jornal *O Clarim da Alvorada*, um dos pioneiros da imprensa negra paulistana.

Foi justamente para retratar os atuais representantes da tradição do Vai-Vai, que Wagner, durante a residência no Bixiga, deixou brevemente o Vale da Saracura e foi até a quadra da Escola de Samba Unidos do Peruche, na Zona Norte. É que a Velha Guarda Musical do Vai-Vai havia sido convidada para se apresentar na quadra da sua coirmã e Celestino foi retratar integrantes do grupo.<sup>9</sup> Para registrar os compositores Sahra Brandão e Ademir da Silva, o fotógrafo buscou os últimos raios de luz que adentravam a quadra. Negociando com a fenda por onde escapava o sol vespertino, registrou os olhares emotivos que ouviam, ao fundo, o som de uma batucada.

Fotografar integrantes da Velha Guarda, aliás, tem sido tarefa constante na carreira de Wagner. Interessado em música brasileira e internacional, mas particularmente entusiasmado por samba, como bom matildense, entre 2003 e 2008 Celestino se dedicou a retratar integrantes da Velha Guarda do Carnaval Paulistano, documentando os rostos e nomes do samba paulista. Este é, certamente, um dos mais importantes trabalhos da carreira de Celestino, visto que a história do samba de São Paulo, infelizmente, carece de registros fotográficos. Celestino realizou um trabalho militante, de maneira independente e corajosa, contribuindo para conferir visibilidade e dignidade aos que construíram a história do samba em São Paulo. História essa marcada por esforço, resistência e perseverança, pois não foi fácil para Dona Olímpia, Dona China, Seu Nenê da Vila Matilde, Seu Carlão do Peruche, Seu Portela e Seu Xangô da Vila Maria, entre outras lideranças imortalizadas pelas lentes de Celestino, manter o estandarte do samba em pé, durante um período em que fazer batucada era considerado, pelas autoridades, coisa de vagabundo e tratado invariavelmente como caso de polícia.<sup>10</sup>

Para adentrar no universo singular das mestras e mestres do nosso samba, Wagner contou com a colaboração da amiga matildense Cida Preta. Foi ela quem apresentou o fotógrafo à Dona Philomena, uma das lideranças da sua comunidade e do Carnaval paulistano na época. Dona Philó, como era popularmente conhecida, indicou outros nomes ao fotógrafo e assim, como

<sup>9</sup> Coirmãs é a maneira como se autodenominam as escolas de samba paulistanas mais tradicionais: Vai-Vai, Nenê, Peruche e Camisa Verde e Branco.

<sup>10</sup> Para saber mais sobre o tema consultar, entre outros trabalhos, o livro *Carnaval em branco e negro*, de Olga Rodrigues de Moraes von Simson.

um pesquisador militante, Celestino foi desenrolando o filme que lhe permitiu fotografar alguns dos principais baluartes do samba de São Paulo. Tudo isso, em um período no qual pouquíssimo destaque era conferido à velha guarda nos meios de comunicação tradicionais.<sup>11</sup>

O interesse de Celestino pelo aspecto sensível e íntimo do ser humano se estende muito além da sua prática fotográfica. O mais verdadeiro seria dizer que sua atividade como fotógrafo é uma extensão da sua capacidade de construir conexões profundas com outros indivíduos, muitas vezes de maneira rápida. Assim ocorreu com Dona Philomena, que poucos dias depois de conhecer o fotógrafo, o recebeu em sua casa para a ceia de Natal, uma semana após Celestino perder a mãe. O gesto da sambista e os momentos vivenciados naquela noite solene ficaram marcados na memória do fotógrafo. Quando foi retratar Dona Philomena, entre cliques que capturavam o perfil da sambista, Celestino sugeriu que a fotografada olhasse para cima. Ela consentiu e fez o gesto, rapidamente captado pelo olhar e pelas mãos do artista. Assim foi realizada uma das imagens mais marcantes da *Constelação Velha Guarda*, não somente pela afetuosidade, mas sobretudo pelo sol que iluminou o rosto da fundadora da Escola de Samba Flor da Zona Sul, desenhando uma diagonal de sombra e luz.

Antes de registrar integrantes da velha guarda, Celestino documentou o cotidiano de famílias que residiam em habitações coletivas nos subúrbios paulistanos, como Mooca, Cambuci e Bixiga. Batizada “Cortiços”, a série foi realizada ao longo de 1997 e publicada como livro em 1998. A ideia do trabalho surgiu a partir da sugestão de um amigo de longa data, José Flávio, que inspirado no livro *Terra*, do também fotógrafo Sebastião Salgado, propôs a Wagner fotografar a realidade urbana dos cortiços paulistanos. O olhar apurado do fotógrafo, assim como sua aguçada inteligência para encontrar enquadramentos e construir composições, está expresso em imagens como “menino subindo a escada” e “menina na janela”, onde o jogo de luz e sombra escreve formas geométricas na paisagem, contrastando com as linhas orgânicas dos corpos humanos.

<sup>11</sup> Ainda que hoje a situação não esteja muito diferente, foi possível notar, nos últimos vinte anos, um esforço de diversos grupos e entidades em valorizar os sambistas da velha guarda, ainda que não necessariamente vinculados às escolas de samba. A iniciativa do Grêmio Recreativo de Resistência Cultural Kolombolo Diá Piratininga, de realizar o projeto de álbuns *Memória do Samba Paulista*, é um exemplo desse processo. O Selo Sesc também tem se engajado recentemente em projetos nesse sentido.

Além do elevado valor artístico, as imagens produzidas por Celestino possuem também profunda importância histórica e etnográfica, por exemplo, quando clicou ensaios, por anos seguidos, documentando os movimentos de giro das baianas do Carnaval paulistano. O trabalho, reunido na *Constelação Carnaval*, registrou uma maneira de dançar samba em transformação, na medida em que o samba-enredo se acelera cada vez mais e as fantasias a cada ano ficam mais pesadas, exigindo adaptações na cadência e nos movimentos. A dança e a devoção, associados a um momento histórico e contexto social específico, também foram apreendidos de maneira poética e ao mesmo tempo documental pelas lentes do fotógrafo, quando visitou a Festa de São Benedito em Tietê (SP), no ano de 1997. Até mesmo nesses registros, de imensa valia para historiadores, antropólogos e estudiosos da cultura popular, o olhar de Celestino mantém-se poético, ao destacar a eminência humana da devoção e da conexão com o sagrado.

As fotografias de Celestino expressam o seu profundo interesse no aspecto humano da experiência. Para realizar seu intento, o artista lança mão de uma intuição aguçada e de conhecimentos adquiridos durante o período que frequentou o Laboratório Fotográfico do Museu Lasar Segall, na Vila Mariana. Autodidata, aprendeu a arte da fotografia por meio de leitura, observação e experiência, estudando individualmente e com amigos jornalistas ou também adeptos das artes: músicos, artistas visuais e fotógrafos. Sua fonte de inspiração percorre desde o fotojornalismo, em especial o antigo *Jornal da Tarde*, periódico que foi o seu favorito por muitos anos, além das artes visuais, cinema e televisão, notadamente o programa musical *Ensaio*, dirigido por Fernando Faro.

Assim como os sambistas paulistanos retratados por Wagner no início dos anos 2000, que não sobreviviam especificamente da arte do samba e possuíam outras ocupações além da música e da dança, de onde conseguiam obter o sustento, Celestino sempre desempenhou outros ofícios em paralelo à atividade como fotógrafo. Do seu pai, Camilo Celestino, exímio mecânico de precisão, herdou os dotes manuais. Por incentivo dele, inclusive, se formou em Ajustagem Mecânica pelo SENAI no início dos anos 1970 e chegou a trabalhar na indústria. Mais tarde, por influência dos amigos, passou a atuar na área de criação gráfica, como assistente de arte, propósito que considerou mais alinhado aos seus interesses. Com sua mãe, Conceição da Aparecida Custódio

de Oliveira, que foi operária, empregada doméstica e dona de casa, adquiriu letramento racial, aprendizado que o levou a aderir aos movimentos sociais organizados pela negritude paulistana na década de 1970.

Militando no *Jornegro*, Celestino conheceu o fotógrafo Luiz Paulo, de quem se tornou amigo e recebeu os primeiros incentivos para fotografar. Foi Luiz Paulo quem apresentou Wagner ao Laboratório Fotográfico do Museu Lasar Segall, espaço que ele frequentou por aproximadamente cinco anos. Lá, com Luiz Paulo e demais instrutores, aprendeu os processos de revelação e ampliação fotográfica.

Foi a partir do interesse em registrar pessoas negras para além dos estereótipos então disseminados entre os meios de comunicação, associado ao empenho em documentar e valorizar a cultura afro-paulista e seus protagonistas, que Celestino decidiu seguir a trilha da fotografia. Seus primeiros cliques foram realizados em meados dos anos 1970, com uma câmera emprestada pelo amigo Ivo Ferreira Brito. Já as primeiras publicações fotográficas ocorreram no *Jornegro*, no final dos anos 1970.<sup>12</sup>

O primeiro equipamento fotográfico, uma câmera Nikon Nikkormat FT2, foi adquirido no início dos anos 1980, quando começou a fotografar por conta própria, registrando, entre outros eventos importantes, o Primeiro Encontro de Música Negra de São Paulo, em 1985. Também são do período as fotografias que registraram o Carnaval na Avenida Tiradentes. Sua segunda câmera foi adquirida em 2007, uma clássica Nikon F2. Mais tarde, após a mudança para a cidade de Bauru, em 2010, Celestino começou a fotografar com câmera digital. Atualmente tem utilizado uma Nikon D5000, sempre com lentes analógicas. Foi com esse equipamento que ele fotografou durante a residência no Bixiga.

Em uma das três entrevistas realizadas para a elaboração deste texto, Wagner Celestino sugeriu que teria vindo ao mundo para observar. Quero, no entanto, discordar. Apenas observar não bastaria. **Wagner Celestino** veio ao mundo para transformar seu olhar atento em imagem preta e branca. Como sugere o curador Claudinei Roberto da Silva, para construir universos com fragmentos. Enfim, para levar a sério o significado original da palavra fotografia: “escrever com a luz”. Sem menosprezar as sombras.

<sup>12</sup> Adotamos esse período das primeiras publicações fotográficas como marco do início da carreira de Celestino como fotógrafo.



**Bibliografia:**

AMAR, Pierre-Jean, *História da fotografia*. Lisboa (Portugal): Edições 70, 2018.

CASTRO, Márcio Sampaio de, *Bexiga: um bairro afro-italiano*. São Paulo: Annablume, 2008.

DOMINGUES, Petrônio. Protagonismo negro em São Paulo: história e historiografia. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

KOSSOY, Boris, *Fotografia e história*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.

MORENO, Júlio. *Memórias de Armandinho do Bixiga*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1996.

PATERNIANI, Stella Zagatto, *São Paulo cidade negra: branquitude e afrofuturismo a partir de lutas por moradia*. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de Brasília, 2019.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von, *Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano: 1914-1988*. Campinas; São Paulo: Editora da Unicamp; Editora da Usp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

SONTAG, Susan, *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

## **SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**

Administração Regional no Estado  
de São Paulo

### **PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL**

Abram Szajman

### **DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL**

Luiz Deoclecio Massaro Galina

### **SUPERINTENDÊNCIAS**

#### **Técnico-social**

Rosana Paulo da Cunha

#### **Comunicação Social**

Ricardo Gentil

#### **Administração**

Jackson Andrade de Matos

#### **Assessoria Técnica e de Planejamento**

Marta Raquel Colabone

#### **Assessoria Jurídica**

Carla Bertucci Barbieri

### **GERÊNCIAS**

#### **Artes Visuais e Tecnologia**

Juliana Braga de Mattos **Estudos**

**e Desenvolvimento** João Paulo

Guadanucci **Educação para**

**Sustentabilidade e Cidadania**

Denise Baena Segura **Artes**

**Gráficas** Rogerio Ianelli **Sesc**

**Itaquera** Ricardo de Oliveira Silva

## **CONSTELAÇÃO CELESTINA**

### **Curadoria**

Claudinei Roberto da Silva

### **Equipe Sesc**

Adriano Alves Pinto, Alessandra

Garcia, Amanda Cristina de

Souza, Barbara Oliveira, Cinthia

Damasceno, Cesar Albornoz,

Claudia Regina de Souza, Carolina

Barmell, Claudio Santiago, Darci de

Souza, Fábio Vasconcelos, Fabíola

Tavares Milan, Fernanda Dorazio,

Fernando Mesquita, Guilherme

de Sousa, Guilherme Panebianco,

João Paulo Sena, Kimberlly Brito,

Karina Camargo Leal, Laís Jesus,

Leonardo Borges, Leonardo Pereira,

Luiz Felipe Santiago, Marcos

Domingos, Michele Silva, Priscila

Bueno, Regina França, Sandra

Alves, Shelle Ribeiro, Silvia Eri Hirao,

Silvia Mayeda, Simone Cezarino e

Thammy Cersossimo

### **Produção Executiva** Maré

Produções de Exposições Ltda e

Ponto de Produção **Coordenação**

**de Produção** Fabiana Farias **Projeto**

**de Expografia** Álvaro Razuk e Daniel

Winnik **Equipe:** Flau Doudement,

Gabriela Rochitte e Thais Jardim

**Identidade Visual** Rita Faria e

Pedro Brucz **Pesquisa** André

Augusto de Oliveira Santos **Revisão**

**de Texto** Heinar Maracy **Projeto**

**de Iluminação** Wagner Freire

### **Produção Cenotécnica** Artos

Cenotécnica e Cenografia Castelo

**Instalação Elétrica** Augusto

Costa e Cláudio de Souza Arruda

**Montagem Fina** Federico Gomes

Romero, Miguel Freitas e Tato Blassioli

### **Coordenação Educativa**

Wanessa Yano **Supervisão de**

**Ação Educativa** May Agontinme

**Educadores** Calé Carvalho, Enô

Kiluanji, Felipe Aparecido e Luiza

Camargo **Orientadores de Público**

Adriana Silva de Paula e Bruna Gino

de Oliveira



Em memória de Conceição  
e Camilo Celestino.

Arquivo da família, 1950.



**Sesc Itaquera**

Av. Fernando do E. S. Alves de Mattos, 1000

São Paulo - SP

Tel.: 11 2523-9200

📍 Itaquera 7200m

🚏 Terminal São Mateus 5200m

📱 [@f/sescitaquera](#)

[sescsp.org.br/itaquera](http://sescsp.org.br/itaquera)